

Controvérsias em torno de uma imagem mariana: Nossa Senhora de Caravaggio e as faces de uma transformação

Controversies around a marian image: Nossa Senhora de Caravaggio and the faces of a transformation

■ Adimilson Renato da Silva e Maria Claudia Rodrigues

Resumo

O artigo descreve e analisa alguns desdobramentos sobre uma controvérsia pública produzida em torno da edificação da Imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha, RS. Localizada em um trevo da rodovia que corta a cidade, a imagem indica a localização do santuário existente na região da serra gaúcha. O estudo foi realizado por inserções etnográficas e pesquisas em sites da web. Partindo dos modos públicos de aprovação ou reprovação da imagem mariana, destacamos serem reveladores as tensões daí decorrentes como processos de significar e agir com e sobre o mundo. A configuração de visibilidade destacada nesta arena de disputas pelos sentidos e usos das “faces de caravaggio” sublinham as relações emergentes entre religião e espaço público. Por outro lado, destaca também a convergência de projetos emaranhando-se na convergência da revitalização urbano-turística desta cidade e da região.

Palavras-chave:

Imagens; Devoção Mariana; Controvérsia; Configurações de Visibilidade.

Abstract

The article describes and analyzes some consequences on a public controversy produced around the building of the image of Nossa Senhora de Caravaggio in Farroupilha city, RS. Located on a highway clover that runs through the city, the image indicates the location of the existing sanctuary in the Serra Gaucha region. The study was conducted by ethnographic inserts and research on web sites. Based on the public ways of approval or disapproval of the Marian image, highlight are revealing the tensions deriving from such processes mean and act and the world. The configuration of visibility highlighted in this arena of disputes over the senses and uses of the “faces of caravaggio” underline the emerging relations between religion and public space. On the other hand, it also highlights the convergence of projects entangled in the convergence of the urban-tourist revitalization of this city and the region.

Key-words

Image; Marian Devotion; Controversy; Visibility Settings.

Notas iniciais

Este texto resulta de uma pesquisa que teve como interesse inicial a investigação sobre a produção de reflexividade nas manifestações religiosas contemporâneas, processo que observa a implicação de “sistemas abstratos” objetificados pela apropriação de tecnologias de produção de imagens no auto-tombamento de si (LOPES, 2009), o que concorria para transformar ou deslocar as expressões de fé para registros distintos daqueles informados pela intencionalidade de pertencimento única a religião católica. Em síntese, os devotos passam cada vez mais a utilizar a fotografia para medir suas relações com a fé em Maria. Isso era visto tanto nos momentos de aproximações aos altares, antes mesmo de realizarem o sinal da cruz investiam na obtenção de uma fotografia para marcar o “ato de fé, quanto na entrega da promessa na sala dos ex-votos através de imagens fotográficas que revelam os acontecimentos e motivos a serem guardados pela obrigação com a santa de Caravaggio: a família, a saúde, o trabalho, a formação educacional, a obtenção de bens materiais, etc.

O que chamava mais a atenção se dava pela apropriação das imagens de Nossa Senhora de Caravaggio por devotos e fiéis e as mediações operadas por estas práticas na aproximação destes agentes à devoção mariana, disseminando os significados instituídos da mesma pelas redes de interação nas quais se engajam cotidianamente, instância coletiva que tensionava os aspectos instituintes pelos quais a imagens passava a ocupar novos cenários da fé, ressignificando a devoção e lhe dando novos contornos¹. Para o período de 2017 somavam-se duas imagens desta expressão mariana existentes nos altares principais dos Santuários Antigo e Novo, e outras três imagens que fazem parte dos ciclos festivos das pré-romarias que antecipam a festa principal do dia 26 de maio, dia de Caravaggio.

Por sua vez, os autores retomam, neste texto, algumas pistas obtidas desde quando iniciavam pesquisas de campo² junto a devoção de N. Sra. de Caravaggio, na região da serra gaúcha, em meados de 2009 que durou até o ano de 2017. Para efeito deste trabalho, abordaremos as relações entre a devoção mariana já mencionada e algumas implicações da produção de imagens religiosas-devocionais quando atuam na promoção de “configurações de visibilidade” na cidade de Farroupilha (RS) ou mesmo fora dela. Nos últimos anos, a devoção à Santa de Caravaggio congrega cada vez mais o aumento do público presente nos períodos centrais da festa e romaria. Paralelo à expansão de visibilidade da devoção, o interesse em dinamizá-la durante o ano inteiro, congregando-se os circuitos de peregrinação e romaria junto com as manifestações seculares que transitam nos caminhos até o

¹ Este foi o caso de um desenho feito à caneta por um leitor publicado na edição do Jornal Pioneiro comemorativa a Romaria de Caravaggio do ano de 2013. Ali com traços muito precisos a face de Caravaggio assume feições de uma mulher idosa. Além da idade célere, destoava também dos traços de jovialidade e tom angelical existentes em algumas representações de Maria, neste desenho se reforça a finitude do corpo humano interpelado pelo tempo que passa e segue.

² A pesquisa de campo seguiu a orientação do método etnográfico valendo-se de observação participante dos eventos principais durante as romarias e peregrinação ao Santuário desta devoção mariana, a organização de diário de campo, bem como o acompanhamento de discussões em páginas da internet, nas emissoras de rádios e televisões e nas mídias impressas locais. De alguma forma essa apreensão descritiva manteve-se mobilizada pela percepção da *coetaneidade* definida como exercício de *compartilhamento do tempo*, assim, fundamentada no acompanhamento de práticas significativas insufladas na “práxis culturalmente organizada” (FABIAN, 2013, p. 69). De outro modo, buscou-se deste prisma investigativo dimensionar a complementaridade entre leitura, observação e escuta, como proposto por Cardoso de Oliveira (2000).

santuário com base no turismo religioso e cultural, permite os atores envolvidos pensarem e agirem através da devoção a mobilizando como recurso para investimentos estratégicos (YÚDICE, 2006).

Como destacam Silva e Lopes (2016), as ações e agenciamentos articulam modelos devocionais diversos, no diálogo com formações culturais presentes nos arranjos societários atuais e emergentes (práticas tradicionais de devoção, experiências de caminhadas na natureza, políticas culturais de patrimonialização, etc.). Por isso, afirmam que além de ser importante focar nos projetos atuais concernentes à revitalização da paisagem devocional configurada na existência do santuário incrustada no mar de morros, torna-se pertinente procurar estabelecer os nexos entre essas iniciativas e práticas com a constituição da subjetividade dos sujeitos engajados em tais ações e atos (SCHUTZ, 2003).

O acontecimento ainda em curso pelos efeitos que gerou, que nos chamou atenção neste percurso investigativo, recentemente, esteve associado ao episódio ocorrido no início do ano de 2016. Após ser entregue à comunidade local, há poucos dias do término de sua construção, a nova imagem de N. Sra. de Caravaggio acabara sendo “vandalizada” bem em frente a esplanada do santuário. Episódio que impacta de modo considerável a autoestima da população local que se vê perplexa frente à violência perpetrada contra a imagem da Virgem de Caravaggio.

As mãos e as faces de Joaneta e Nossa Senhora. de Caravaggio foram quebradas à marretadas e incendiadas por duas pessoas que utilizaram uma motocicleta para o deslocamento até a esplanada do santuário. Esta representação que retoma o mito da aparição ocorrido na Itália, em 26 de maio de 1492, agora vitimada por motivos desconhecidos, gerou comoção e indignação por parte de moradores da região. O que levou a ser imaginada certa continuidade com a violência doméstica sofrida sistematicamente por Joaneta, que ao correr aos campos para colher pasto e escapar das agressões proferidas pelo esposo, acabara sendo confortada pela mensagem durante a aparição da Virgem Maria. As câmeras de vídeo do santuário gravaram as imagens da cena e este material foi divulgado através da plataforma do *youtube*.

As investigações ainda estão em curso para apontar os responsáveis pela ação criminosa e conhecer os motivos de tamanha violência contra este símbolo religioso. Nestes entreatos, foi apontado pelo clero local e por moradores da cidade de Farroupilha e região que este episódio poderia ter relação com a sequência de ataques proferidos contra os capitéis³ espalhados pelos sítios e estradas da zona rural. O que se pode afirmar neste ato de violência contra a imagem, que seria inaugurada no início de 2016 substituindo outra imagem desaprovada pela população local chamada de santa feia, esteve circunscrito a exigência de procurar os suspeitos e reconstruir a santa. Mas entre uma conversa e outra e a repercussão em torno deste fato, impõe-se ao debate público se tal episódio seria ou não um ato de fundamentalismo religioso. A religião católica estaria, assim, sendo atacada perante o seu processo de ampliação e consolidação desta devoção mariana na serra gaúcha.

A literatura recente, por sua vez, apresenta a relação entre religião e modernidade como articuladora da emergência de controvérsias envolvendo a produção de símbolos sagrados. Em certo sentido, a normatização e definição de fronteiras precisas entre estado e religião pretendem-se

³ Capitéis são pequenas capelinhas construídas na frente das residências e propriedades rurais para manifestar devoção ao santo de proteção e também pagar alguma graça alcançada. É uma tradição das populações residentes do meio rural, mas podem ser vistas nas áreas urbanas das grandes cidades.

conformar as prerrogativas ideal-típicas da tão almejada laicidade da nação depurada pela secularização que, de certo modo, delimitaria os contornos de valorização e plausibilidade comuns aos atores e suas ações, supostamente desimplicados pela multidimensionalidade do sagrado e da *religião* e suas maneiras de imprimir as bases da realidade sociocultural.

Como propõem Burity (2016) e Giumbelli (2014), na atualidade, as religiões são construídas e (re)construídas continuamente pelas apropriações públicas de símbolos, práticas e discursos, podendo configurar instâncias de demonstração da fé e devoção com ênfases diferenciadas da perspectiva da modernidade e religião. Nesta “amplificação” dos lugares das religiões, estas ocuparam ambientes antes presumidos pela participação laica da sociedade civil (Assembleias Legislativas, Conselhos Municipais, Agendas de Revitalização Urbano-Urística, etc.), o que demonstra: uma maior ambiguidade à ação público-privada posta pela secularização que impactara a modernidade; a reação das expressões religiosas frente ao avanço de mecanismos de regulação jurídica na ordenação de cultos e práticas tradicionais operacionalizados pelos órgãos do Estado brasileiro.

Enfim, tais aspectos concorrem para dimensionar as “configurações de visibilidade” (MONTERO, 2012) de imagens, representações e discursos os entrelaçando na produção do imaginário social repleto de ênfases de sentido para que, significados, debates e ações explicitem a alteridade entre fiéis e as suas imagens, o que tornar-se produção e produto desta alteridade.

Uma nova face para Nossa Senhora de Caravaggio e o posterior ataque a Santa

O reitor do santuário resolveu organizar uma campanha para arrecadar cerca de 80 mil reais necessários para a construção de uma nova imagem de Nossa Senhora de Caravaggio. Contratou para a produção desta nova santa o artista plástico Gilmar Pocai, conhecido na região por construir monumentos e promover revitalizações em igrejas antigas com boa satisfação nos trabalhos que desenvolveu. O artista plástico sugeriu, então, que fosse construída a santa com materiais que obtivessem maior precisão e qualidade para definir os traços mais finos e também aproximados da Caravaggio existente no altar do interior do santuário. Nesse sentido, escolhera usar basicamente armação de ferro e argamassa de cimento para dar forma à imagem mariana. Assim, o cenário da aparição de Nossa Senhora acompanhada da Jovem Joaneta teria além de maior resistência para suportar as condições climáticas a possibilidade de marcar com precisão as feições das duas atrizes significativas desta representação mariana em termos estético-expressivos.

Para tal empreendimento, foi construída uma imagem de tamanho menor cujo modelo compreenderia as feições finais quando estivesse no seu tamanho perto dos 7 metros requeridos a construção. Um pavilhão de tamanho mediano fora alocado na esplanada do santuário para que os devotos pudessem acompanhar todo o processo de produção da Imagem. Se no caso ainda não houvesse correspondência com o modelo apresentado, a construção seria refeita até atingir as feições pretendidas e o gosto de toda a comunidade de fiéis.

Assim, a campanha *Vamos Construir Uma Nova Estátua para Nossa Senhora de Caravaggio: Doe de Coração*, viria ao encontro de promover a arrecadação dos valores totais ou parciais da obra

construída por Pocaí. No caso, se o recurso não fosse suficiente, o financiamento seria complementado pelo santuário e pela diocese de Caxias do Sul.

A imagem começou a ser construída precisamente no dia 26 de março de 2014. A romaria de 2015 levou muitos devotos até o local onde estava sendo realizada a construção, pois a imagem de Joaneta estava sendo finalizada nos seus aspectos parciais. O período de inverno dificultou o pleno desenvolvimento da obra. A exigência de secagem do material e a demanda de outros trabalhos realizados paralelamente pelo artista plástico fizeram com que ele fosse requisitado para dar entrevistas e discorrer constantemente sobre a realização dos seus trabalhos. Principalmente a dinâmica de instabilidade dos materiais usados para dar forma à imagem, a argamassa de cimento, fez com que alguns devotos, ao se depararem com as imagens no interior do pavilhão onde se executava as atividades de construção, falassem constantemente que Caravaggio não queria ser reconstruída novamente⁴.

No final de 2015, as expectativas pelo término da obra se ampliaram. A aprovação da nova Imagem foi logo sentida pela satisfação de boa parte dos fiéis que transitavam pelo santuário. A inauguração era pretendida para o dia 2 de dezembro durante a festa de N. Sra. da Conceição. Mas necessitava-se de mais dois meses para o término da modelagem das demais partes integrantes do monumento, do acabamento e de retoques finais. Entre este período também seria reforçado a campanha de arrecadação para se obter a totalidade dos recursos financeiros para custear os serviços do artista plástico e sua equipe.

Neste meio tempo, outro projeto se desenvolveu e repercutiu os debates públicos da cidade de Farroupilha. A construção de uma pista de caminhada e rodagem de bicicletas partindo do santuário até o início da Rodovia dos Romeiros teve o seu início.

Esta via de acesso ao santuário e ao Distrito de Caravaggio permitiria maior conforto para quem quisesse realizar o percurso com mais tranquilidade, oportunizando-se o contato com um caminho em meio aos sítios das famílias tradicionais da localidade e a bela paisagem da formação de montanhas e resquícios de floresta da mata atlântica.

Citamos esse projeto paralelo à construção da nova imagem, para indicar a relação de um extenso encadeamento de iniciativas e objetivos elencados como prioritários à promoção desta devoção mariana ao âmbito de turismo religioso internacional. Estas iniciativas viabilizaram áreas de lazer para a prática de caminhadas, corridas, ciclismo, beneficiando a população da cidade e região⁵.

⁴ Na companhia de um grupo de peregrinos na romaria de 2014, quando visitávamos as instalações de construção da nova imagem de Caravaggio, vimos um senhor de idade sênior questionar a mão de N. Senhora depositada no chão do pavilhão, seguida do braço que parecia não ganhar a forma correta. Havia, desse modo, uma perda da totalidade de conjunto desta representação mariana, sendo que no imaginário devocional a aparição na Itália retoma a simetria de N. Sra. de Caravaggio abençoando Joaneta. Cabe lembrar que Gilmar Pocaí evocou constantemente nos seus depoimentos que a obra seria feita em partes. Construiria, assim, as partes dos corpos da Virgem Maria e da Jovem camponesa separadamente. E, aos poucos, elas tomariam a forma desejada na obtenção da bela imagem fabricada como modelo.

⁵ “Assim, o traço de expressão étnico-religiosa que originou a localidade de Caravaggio e a tornou uma referência importante para a identidade da região é, aos poucos, apropriado ou deslocado para a esfera do turismo e das políticas culturais de patrimonialização, configurando um modelo devocional híbrido. [...] Da perspectiva dos projetos e agenciamentos aqui estudados, esta reflexividade influencia o direcionamento da ressonância desses bens culturais, que

Essa sinergia de convergência de interesses de instituições públicas, privadas e religiosas elevou N. Sra. de Caravaggio como incontestada padroeira e ícone da cidade de Farroupilha. Cidade e devoção mariana se convencionam como um projeto comum.

Figura 1 - Nova imagem de N. Sra. de Caravaggio construída por Gilmar Poci



Fonte: Arquivo dos autores.

Figura 2 - Ícone do projeto Caminhos de Caravaggio realizado na Rodovia dos Romeiros



Fonte: Arquivo dos autores.

A Imagem foi apresentada para a comunidade no dia 13 de dezembro de 2015, durante a missa das 11h00min. Os visitantes presentes no santuário, neste dia, ficam impressionados com a semelhança da imagem com traços faciais humanos, sem deixarem de perceber as conotações angelicais, suaves, da santa de Caravaggio. Por mais que se pretendia trazer conotações angelicais à face de N. Senhora, ou seja, marcar sua semelhança com os seres celestiais mais próximos de Deus – ela apareceu para a jovem camponesa na representação de uma rainha em esplendor–, nesta nova imagem a conotação humana exigida pelo reconhecimento dos devotos tornou-se preeminente nas

passam a ser objeto de interesse para suas ações estratégicas. Isso porque, o patrimônio cultural é parte inseparável do processo de subjetivação das pessoas [...] (SILVA; LOPES, 2016, p. 179).

revelações de opiniões pessoais neste ato de fé e de apresentação da mais nova obra mariana. Neste dia, os visitantes do santuário se emocionavam principalmente por se verem na imagem mariana produzida. O efeito de espelho torna-se operacional nesta configuração imagética religiosa-devocional.

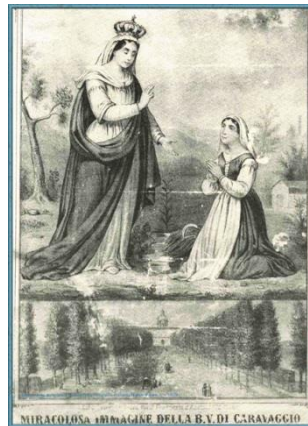
Passados alguns dias o inesperado impera e um episódio terrível acomete a nova imagem na madrugada do dia 03 de janeiro de 2016. A comunidade de Caravaggio, logo nas primeiras horas da manhã, é tomada de assalto quando recebe a notícia de que a nova imagem inaugurada recentemente tinha sido “vandalizada” em plena esplanada do santuário. Além do mais, este período fazia parte das comemorações de santos reis que data a cada dia 06 de janeiro suas festividades. No silêncio da noite, na sombra das opiniões e visibilidades públicas que rejeitariam a intenção de destruir este símbolo da devoção mariana, duas pessoas acometeram as faces e mãos de Caravaggio e Joanete, e, na sequência atearam fogo para consumir a destruição por completo.

As origens de um conflito colono e a dinâmica da tradição religiosa-devocional

Voltamos um pouco mais no tempo para sublinhar o caráter de conflito presente desde a gênese e desenvolvimento desta devoção mariana. Assim, de um quadro pequeno trazido na bagagem de um migrante, aos períodos de construção do sítio arquitetônico composto principalmente pela igreja antiga e o santuário novo, e a configuração mais ampla de um circuito devocional que demarca os períodos preliminares e centrais das festas e romarias durante boa parte do ano, essa tradição religiosa-devocional de longa duração⁶ reinventou-se constantemente. Reconfigura e amplia os contornos de discursos e práticas, de ritos e mitos. Atualiza neste sentido essa paisagem em constante movimento e cristaliza alguns motivos constitutivos desta devoção mariana. Esta dinâmica de um constante “refazer-se ampliando seus contornos” torna-se pertinente para compreender como os conflitos acionam a devoção para fins práticos na ação de agentes leigos, do clero e de demais interessados em construir alteridade com os ambientes e motivos pelos quais a devoção produz expressões e ao mesmo tempo é produzida.

⁶ O entendimento de tradição de longa duração segue a elaboração de Hobsbawm e Ranger (1998). Para os autores, tanto as tradições situadas em um passado de difícil localização, dado a profundidade temporal de existência, como aquelas iniciadas repentinamente, correspondem a uma “tradição inventada”, o que se entende como um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas. Tais “práticas de natureza ritual e simbólica visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM e RANGER, 1998: 9). É imprescindível salientar que tal compreensão não deve incidir na afirmativa de que, assim sendo, a criação e recriação contínua das tradições devem ser apontadas como inautênticas e mesmo falsas, visto que esse é o caráter do processo de constituição de sentido e continuidade de uma determinada memória coletiva, sob o qual uma tradição de longa duração se estrutura.

Figura 3 - Quadro trazido na bagagem dos imigrantes italianos no final do século XIX. Exposto atualmente no santuário da cidade de Farroupilha(RS)



Fonte: Arquivo dos Autores.

Figura 4 - Imagem produzida por Stangherlin



Fonte: Arquivo dos autores.

O Santuário original – hoje denominado de antigo, pelos devotos – foi construído no final do século XIX, mais precisamente, no ano de 1890. Localizado a cerca de seis quilômetros do núcleo da cidade de Farroupilha, o Santuário foi incrustado na paisagem da serra gaúcha, cercado pelas pequenas propriedades rurais dos imigrantes italianos que o erigiram, em seu entorno⁷.

A história dessa aparição de N. Senhora remete à pequena cidade de Caravaggio. Esta região da Itália foi acometida pela instabilidade dos enfrentamentos entre os Ducados de Milão e Veneza,

⁷Steil (2004) descreve as manifestações religiosas que caracterizam esse culto como típicas de um catolicismo de imigração. Assim, estende seus desdobramentos pela continuidade de matrizes devocionais trazidas pelos imigrantes entre as lembranças e os pertences da longa viagem de traslado à terra prometida.

em finais do século XV. O pitoresco ambiente dessa região circunscrevia a cultura do campesinato em suas tradições de fé, trabalho, festividades, e as dificuldades vividas nesse período.

Em meio a esse cenário, uma jovem de nome Joaneta muda sua vida de forma extraordinária, ao final de um dia de trabalho. A camponesa era obrigada pelo marido a executar tarefas exaustivas, tendo que manter o cuidado com o trabalho do campo somado às tarefas rotineiras da casa. Em 26 de maio de 1432, após seu esposo lhe impor uma grande reprimenda, Joaneta corre até um prado na localidade de Mazzolengo, distando uns 1800 metros da cidade, pondo-se a colher pasto para alimentar os animais (ZORZI, 1986). Aos prantos, e desamparada da rotina diária que lhe tirava o ânimo de vida, a jovem coloca-se a suplicar o socorro da Virgem Maria e é surpreendida com um acontecimento inusitado: uma visão da Virgem que se comunica com ela.

Já a devoção a N. Sra. de Caravaggio, na cidade de Farroupilha, tem suas origens na chegada dos imigrantes italianos, em meados do século XIX, mais precisamente no ano de 1875. Algumas famílias chegadas da Itália são convocadas a se assentar nas áreas de ocupação destinadas à expansão da Colônia Italiana, no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. A localidade designada como Caravaggio ficaria estabelecida na extensão da Linha Palmeiro, compreendendo esta o território desde a cidade de Bento Gonçalves até os limites de Farroupilha e Caxias do Sul.

Nesse contexto, imigrantes de várias regiões da Itália se reúnem na localidade de Caravaggio, mas não produzem consenso em torno de um santo patrono da mesma. Após algumas tentativas e fracassos, o chefe da Família Faoro oferece um quadro de N. Senhora de Caravaggio, trazido da Itália, que é aceito pela comunidade e passa a adornar uma capela erigida em sua homenagem. Após a construção de uma imagem de Caravaggio em madeira, realizada pelo artista plástico conhecido pelo nome de Stangherlin, o quadro da virgem foi devolvido à família Faoro, ficando em cuidado da mesma até o término da obra do novo Santuário, em 1963. No final da obra esta igreja recebe novamente o quadro, visitado continuamente pelos devotos, entre os afluxos cada vez maiores nas atividades diárias ou festas centrais da Romaria⁸, que acontece desde 1880 no mês de maio (ZORZI, 1986; PASA, 2013).

Esticando a linha do tempo para mais perto do “presente”, já no dia 14 de agosto de 2008, pouco mais de um mês para fechar o período de inverno na serra gaúcha, os olhares na cidade de Farroupilha-RS se voltavam para o trevo existente na RSC-453, importante rodovia que interliga os municípios existentes entre as cidades de Venâncio Aires à Caxias do Sul. Neste local foi construído um monumento da Imagem de N. Sra. de Caravaggio⁹. Na tarde deste dia, porém, a expectativa de conseguir dar uma olhadinha por baixo do pano branco que cobria a Imagem, revelava a tensão

⁸Esse relato sucinto da gênese da devoção possibilita compreender que os santuários católicos podem ser descritos como consolidação de um espaço sagrado irradiador de um campo de forças e valores (ROSENDHAL, 1996), os quais distinguem de maneira extraordinária esse ambiente da rotina cotidiana de uma comunidade.

⁹ “A proposta é sinalizar o trevo que dá acesso ao Santuário de Nossa Senhora de Caravaggio, localizado no primeiro distrito, a seis quilômetros do Centro. É uma homenagem à padroeira do Município, cuja data festiva é 26 de maio. O local não é para visitação, sendo cercado para impedir a aproximação do público e evitar acidentes, já que está localizado em uma rodovia. Localizado na RST/RSC 453, trevo de acesso a Caravaggio. A Santa tem 7 metros de altura e a camponesa Joaneta tem 3,8 metros. As imagens estão sobre uma base de 3 metros. O Monumento é confeccionado em resina e fibra de vidro.” Disponível em: <http://www.mubevirtual.com.br/pt_br?Dados&area=ver&id=640>.

presente na cidade desde o surgimento de uma polêmica envolvendo as feições reais da expressão facial desta representação mariana¹⁰.

A curiosidade dos cidadãos farroupilhenses era decorrente do aspecto da expressão facial da Virgem de Caravaggio, desaprovada desde o início, exigindo, assim, a manutenção realizada pelo artista plástico responsável pela obra. A imprensa local promoveu extensos debates. O caso foi pautado pelas emissoras de televisão estaduais e nacionais. O ápice desta polêmica envolvendo os traços autênticos dessa expressão mariana ocorreu quando a apresentadora do programa Mais Você da Rede Globo de Televisão, Ana Maria Braga, ao mencionar o caso da Santa Feia, reivindicou a imagem para si própria.

Nas redes sociais e em enquetes desenvolvidas pelas emissoras de rádio locais, particularmente entre os anos de 2012 a 2014, problematizou-se o uso indevido de recursos públicos para a construção desta obra nomeadamente de caráter religioso-devocional. A incompreensão de internautas e radiouvintes desdobraram-se, portanto, na intenção de saber o porquê da gestão municipal se envolver em demasia neste empreendimento sugerido pelo santuário mariano. Por isso, gestores locais e o clero integrado a diocese de Caxias do Sul passaram a pautar a construção e reforma da Imagem declarada desfigurada como iniciativa de movimentar o turismo religioso da região e, assim, cumprindo um papel fundamental para gerar receita ao desenvolvimento expressivo da cidade de Farroupilha.

Nem por isso as referidas acusações por meio de termos como “boneco de Olinda”, “santa feia”, “a maior aberração da serra gaúcha”, “um monstro”, deixaram de ser proferidas nos ambientes de embate das opiniões individuais transformadas, agora, na síntese pública dos fragmentos discursivos a esclarecer a única coisa a ser feita: *a santa deve ser trocada*.

¹⁰ Encomendada ao artista plástico Ronaldo Chiaradia, a execução deste trabalho de conotação devocional-religiosa, marcava uma série de iniciativas vislumbradas no rol de melhorias para tornar a cidade de Farroupilha mais atrativa aos circuitos turísticos já existentes na região da serra gaúcha, em específico, e dos nichos de turismo religioso presentes na região do sul do Brasil, de modo geral. Assim, o artista plástico trabalhou durante três meses, finalizando a obra no final de janeiro de 2008, e no dia 28 de março deste ano, o pórtico-monumento já estava sendo entregue a população local. Financiada então com recursos públicos, em torno de R\$ 170 mil reais, e produzida à base de resina e fibra de vidro, fato que propiciou a entrega da imagem em curto espaço de tempo, a sua inauguração problematiza os ambientes de promoção da opinião pública durante estes seis meses estendidos entre o evento de apresentação da imagem e à tarde de final de inverno indicada acima.

Figura 5 - Construção da primeira Imagem- Monumento existente na RSC-453, na cidade de Farroupilha, inaugurada em 28 de março de 2008 (Produzida à base de resina e fibra de vidro)



Fonte: Blog “O contorno da sombra” (2014)¹¹.

Figura 6 - A “plástica” realizada na imagem foi entregue a comunidade no dia 14 de agosto de 2008.



Fonte: Blog “O contorno da sombra” (2014)¹².

Alguns peregrinos da cidade levantaram a questão de que a aura emanada desta “Imagem Feia” contaminara o caminho da Estrada dos Romeiros¹³. O que pesava para alguns, no aumento ou diminuição da dúvida, não era nem tanto a composição da imagem em si, pois quando se consultava *devotos de geração* com maior experiência na prática e rito do catolicismo popular (LOPES, SILVA, 2013), surgia à resposta de que em algumas igrejas do interior, no tempo de antigamente, somente a

¹¹ Disponível em: <<http://ocontornodasombra.blogspot.com/2014/08/a-santa-feia-do-felipao-fez-plastica.html>>. Acesso em: 05 abril 2019.

¹² Disponível em: <<http://ocontornodasombra.blogspot.com/2014/08/a-santa-feia-do-felipao-fez-plastica.html>>. Acesso em: 05 abril 2019.

¹³ Quando caminhávamos junto a grupos de peregrinos, mesmo nos horários ao entardecer, era nítida a dúvida a respeito da efetivação das promessas e votos remetidos a esta imagem com os traços faciais desaprovados pelos moradores da região, fato reforçado pela dinâmica de debates que vinham a público na pauta semanal dos canais midiáticos.

cabeça da imagem era trabalhada à maneira rústica porque ficava à amostra objetivando a atenção e o olhar das pessoas. O restante da imagem do santo, como afirmou Dona Letícia senhora com mais de 65 anos, era construído com pedaços de madeiras trançadas. Assim, uma armação rústica sustentava a face do santo posto no altar para a prática da devoção.

A dúvida estabelecida tornou-se mais intensa e recebera condição de legitimidade na orientação das condutas e percepções de devotos e moradores da cidade de Farroupilha, quando o que se falava da imagem, diariamente, pôs suspeição de se este símbolo de orientação para os turistas e fundamento de devoções para os fiéis de diferentes gerações de praticantes era, verdadeiramente, *digno de culto*. O Sr. Antônio, morador da cidade a cerca de 50 anos, vindo do município de Vacaria, e já com os seus 68 anos, disse-nos que não imaginava que uma imagem de Nossa Senhora geraria tanta polêmica assim. Pois, para este metalúrgico aposentado, a primeira imagem tinha a face achatada, parecia mais com uma bolacha. Mas depois que fizeram à plástica, depois que colocaram a moldura para melhorar a cara da santa, segundo este senhor, a composição das imagens de Caravaggio e Joaneta se aproximara muito de *nossas nonas*, ficou semelhante às nossas avós.

Esta percepção de proximidade com as matriarcas das famílias italianas começou a se intensificar até mesmo nos depoimentos que os cidadãos farroupilhenses davam às emissoras de rádio e as opiniões deixadas nas enquetes de blogs e sites de jornais locais. Passou também a incorporar a reivindicação da localidade de Caravaggeto, também da cidade de Farroupilha, para ser a destinatária do futuro lugar a se depositar a imagem, que até então tinha sido desaprovada pela maioria dos opinantes nos meios de comunicação. Em meio aos pedidos para esta comunidade receber o pórtico-monumento, além dos traços diacríticos vinculados pela identificação à italianidade da imagem, ponderava-se que o turismo religioso poderia também ser fomentado neste potencial ambiente para se instalar a santa de Caravaggio.

Direção seguida também pela gestão municipal quando menciona a origem dos recursos públicos utilizados na construção da Imagem, por isso seria alocada em um ponto mais alto da cidade, promovendo o comércio mantido no centro da cidade. Em vez de o fluxo de peregrinos e turistas ficar unicamente restringido às dependências do distrito de Caravaggio, onde o santuário mariano está ambientado, a multidão de mais de 2 milhões de turistas religiosos seguiria anualmente também para os demais atrativos da cidade de Farroupilha. Transferir a santa para o interior do tecido urbano da cidade dinamizaria a economia e a sociabilidade urbana promotores da interação de moradores locais entre si e também com os demais visitantes.

Notas sobre imagens devocionais: religião e espaço público

As imagens devocionais marcam na sua presença uma relação extensiva com o simbolismo inerente a sua formação, resultante do mito de origem e as “marcas” provenientes dos usos pelos quais movimentam redes de sentido quando impacta a sensibilidade de devotos engajados na relação voto/promessa-graça alcançada.

Todavia, análises relacionadas às mudanças ocorridas pela influência da esfera pública na produção da imagética religiosa, buscam destacar as possibilidades emergentes em torno da apropriação e manipulação no uso das imagens. Ao situá-las como *locus* de representações figuradas mantidas entre as bases de “padrões sociais de ação” (LOPES, 2011, p. 25), este lugar próprio de

mediações com alteridades distintas resididas no campo do pluralismo religioso contemporâneo, torna-se instância propícia para se negociar “signos e valores produzidos *para* o uso e *no* uso das experiências devocionais” (idem), implicando de alguma forma na ação pública desempenhada *nas* e *pelos* devoções.

Nesta perspectiva, somadas inúmeras restrições às vivências públicas de práticas religiosas, por tudo aquilo que a separação entre Estado e igrejas exige de seus praticantes na conformidade a uma postura laica de ação e conduta, o imaginário social é depurado constantemente quando as representações e imagens entram em conflito.

Do contrário de pensar que o catolicismo é a única instância produtora de sentidos que disputa legitimidade pública de suas representações e símbolos religiosos, Heberle (2015) tece algumas considerações acerca de episódios da controvérsia gerada pelos deslocamentos da “Gruta da Mãe Oxum” na cidade de Guaíba (RS). Neste seu trabalho a pesquisadora traz reflexão sobre os modos de presença do afro-religioso no espaço público. Com aspectos homólogos ao citado sobre o embate público para demarcar os sentidos da territorialidade do sagrado afro-religioso, Birman (2003) nos mostra como os agentes institucionais da IURD (Igreja Universal do Reino de Deus) lançam mão de estratégias midiáticas para consolidar uma imagem religiosa sustentada nas multidões pela qual o “povo escolhido” é ressignificado nas novas acepções de ser evangélico. Deste aspecto de visibilidade da multidão emergem também as figurações na pessoa dos pastores e de cantores gospel com potencial de provocar o arrebatamento dos fiéis para as fileiras deste “reino de Deus”.

Neste sentido, se imaginássemos a composição das imagens como dinamizadoras das forças proeminentes do campo religioso, caberia indicar com níveis variados de explicação, que apesar do pano de fundo estruturante da opinião pública justificar a longa tradição do catolicismo em reproduzir seus ícones de sacralidade para influenciar condutas e ação dos agentes, as demais denominações religiosas lançam mão de estratégias de elaboração de imagens religiosas inseridas como parte do repertório de práticas e imaginários.

Por esta chave interpretativa, Birman (2003) constata a estratégia de organização de eventos massivos pela IURD¹⁴ onde se pretende por à prova a pertinência da Igreja frente à sociedade nacional. Através de canais midiáticos são criados circuitos de interação e dinamização que ampliam a influência da Igreja Universal de maneira transnacional, colocando “raízes” em países da América Latina, Europa, África, etc. Tais investimentos de ampliar os limites da Igreja para além das fronteiras nacionais tem criado o fenômeno da exportação de pastores para os demais continentes, cuja implicação direta sobre as comunidades de fé constrói canais indispensáveis para a inovação de projetos individuais e coletivos que também podem se “internacionalizarem” na esteira deste investimento da IURD para ocupar o mundo e se tornar efetivamente Universal.

Outro aspecto interessante também surge quando essas trocas e interações transnacionais colocam e reformulam o imaginário religioso e mesmo afetivo, ao colocar à performance de rituais e doutrinas o imperativo da busca pelas raízes bases do mito de origem (HERVIEU-LÈGER, 2008). Assim além da construção do Templo de Salomão tão comentado na grande mídia nacional e internacional, nada ou pouco se menciona sobre o Projeto Nordeste e a construção da Fazenda Canaã,

¹⁴ Igreja Universal do Reino de Deus recentemente quando inaugura o Templo de Salomão, na cidade de São Paulo, mimetiza, articula e aproxima a sua doutrina e ritualística de aspectos recorrentes no Judaísmo.

no estado da Bahia, lugares importantes para se constituir a “gênese” do “povo de Israel” agora em território brasileiro.

Os circuitos de sacralização configurados nesta dinâmica da relação dos devotos com a devoção de interesse recriam a espacialidade religiosa-devocional (ROSENDHAL, 1996; FERNANDES, 1984; 1982) através do ato de contração e dilatação do ambiente (MERLEAU-PONTY, 1994), quando se tem sob os bens religiosos (ex-votos, fotografias em websites, projetos arquitetônicos e paisagísticos, etc.) a inserção de motivos e percepções de atores, fazendo com que a paisagem religiosa seja modificada não apenas pelo traço de “dogmática” particular.

Esta proposição aberta às novidades de fruição relativa do campo religioso, no sentido de se enredar de certo modo as tensões e conflitos que o dinamizam, também acabam por tornar problemática a sustentação linear de concepções centradas em si mesmas, não impedindo de se considerar frágeis às afirmações simplistas do fim da religião e seus correlatos imediatos. Uma leitura oportuna a este trabalho retoma as últimas indicações de Peter Berger (1985) quando relata os efeitos da modernidade sobre o âmbito estrito da religião. Deste modo, estudos recentes que partiram deste ponto de problematização, realizados por Hervieu-Lèger (2008), recorrem a análise destes efeitos ocasionados pela secularização. Pode-se afirmar que a modernidade, longe de interromper todas e quaisquer lógicas de ação orientadas a valores tradicionais, manifesta a brecha responsável por fragmentar o sagrado o estilhaçando em inúmeros pedaços dispersos nas experiências de fé cotidianas.

Por isso, ao seguir as pistas de Montero (2012), quando traduz a pertinência do que Habermas denominou de “configurações de visibilidade”, tentamos perceber através destas evidências como a legitimidade em torno da construção de um *pórtico-monumento/imagem mariana* de Nossa Senhora de Caravaggio é articulada não pela qualidade intrínseca aos sujeitos, mas, sobretudo, da *dinâmica em que específico processo discursivo* acaba por municiar a arena de disputas pelas narrativas autênticas e boas para agir sobre determinado arranjo societário. Pode-se supor que as contradições e ataques aos símbolos do catolicismo estão orientados a desconstruir a legitimidade desta instituição em imprimir os contornos do espaço público como ambiente propício para a efetividade de uma agenda de interesses a partir de uma “única” religião/devoção.

Para Montero (2012), quando discute elementos da teoria de Bruno Latour, justamente a noção de controvérsia “ganha” poder heurístico para a pesquisa na medida em que compreende “os processos de mediação no qual as categorias de um campo discursivo se movem para outro produzindo traduções e, conseqüentemente, novas significações” (p. 178). Essa dinâmica plural da visada observacional a partir dos elementos correspondentes a eventos específicos, põe em evidência tanto a multiplicidade de pontos de vista apontados por descrições simultâneas de suas componentes, bem como o detalhamento dos diferentes atores quando se engajam na interação propriamente dita.

Neste sentido ater-se às controvérsias e na multiplicidade de componentes que as tornam visíveis, para Paula Montero (2012), encetam paralelamente as possibilidades de *visibilidade social* e a *legitimidade* obtida por particular configuração discursiva. Nas palavras desta autora, deslocada a perspectiva bourdieusiana das “formas de luta para a imposição legítima de um campo” às possibilidades e limites das “formas legítimas de formulação de um problema” (ibidem.), tal

proposição viabiliza a interlocução de “cosmologias” dos diferentes campos que se interpelam e passam a se complementar¹⁵.

O aumento de atores envolvidos nesta nova definição das faces de Maria trouxe evidência suficiente para pensarmos o quanto à *opinião pública* acaba, na atualidade, por impactar na formulação, apropriação e ressignificação das devoções populares.

Fenômeno próximo daquele descrito por Emerson Giumbelli (2014) quando observa que na trajetória de construção e reforma da Imagem do Cristo Redentor, na cidade do Rio de Janeiro, o *simbolismo* acabara de ser reivindicado frente à *pretensão realista* conferida à primeira imagem projetada em meados da década de 1920. Para rememorarmos, a síntese de Jesus Cristo na forma de cruz vista na Imagem atual do Cristo Redentor acabara por substituir aquela anterior, do protótipo inicial, quando se pretendia construir um Jesus Cristo segurando o globo terrestre em uma de suas mãos ao lado da Cruz Latina.

A nova Imagem de Caravaggio resgata os contornos de sua expressão facial em *tons mais angelicais*, o que também reforçou a ideia de esta representação estar mais *assemelhada* às feições reivindicadas pelos devotos mais jovens, próximo do estatuto estético daquilo que é considerado *belo e feio* no entendimento do senso comum, porém, com forte centralidade aos contornos devocionais conferidos pela institucionalidade católica.

Considerações finais

Indicar que os acertos e desacertos na promoção da devoção tratada aqui, a partir de um único acontecimento, é desconsiderar este enredo multifacetado, polifônico e ambíguo que se tornou a presença de um santuário mariano de irradiação devocional em escala nacional e internacional. Não obstante, se os modelos de ação podem ter como base as modulações comportamentais e afetivas, ou seja, a projeção de uma zona de atitude vinculada à hagiografia de cada santo, e Maria seria traduzida pelas expressões de recepção, cuidado e entrega, mas também, pelo seu semblante com traços angelicais; os santuários também se modulam conforme padrões estratégicos de atender as forças socioculturais presentes em cada formação cultural.

Mesmo assim, durante o percurso de problematização das feições originais e mais adequadas àquelas mantidas pelas demais imagens de Caravaggio existentes no Santuário, a proliferação de ações e agentes mobilizados pelas questões enredadas durante a produção desta controversa, das faces de Maria, trouxe pertinência suficiente para se considerar a influência da opinião pública, na atualidade, na dinâmica de produção, representação e significação das imagens religiosas (GIUMBELLI, 2014).

¹⁵ Inspirada nas ideias das leituras latourianas realizadas por Tommaso Venturini (2011), Paula Montero compartilha daquelas formulações deste autor quando concebe a ideia de controvérsia como uma forma de “incerteza compartilhada”, detalhando nessa compreensão uma sequência de “situações nas quais os atores estão de acordo de que discordam entre si” (Venturini, 2011 *apud* MONTERO, 2012). Como declara a autora, deslocada dos usos mais comuns dos leitores de Bruno Latour quando fala de “polêmica” e/ou “divergência”, essa nova concepção trata de descrever e analisar “como um conjunto de fatos é reunido em um debate público, quais os processos de tradução que transformam o sentido da linguagem ordinária em um problema social” (MONTERO, 2012, p. 178).

Se no período em que os agentes institucionais, principalmente o clero, eram os responsáveis em dar visibilidade aos entres manifestos na contestação dos dogmas e premissas fundamentos da doutrina religiosa, por exemplo, haviam outros atores envolvidos pela ação de artistas plásticos e pintores. Agentes da inovação agindo no sentido de imprimir uma estrutura de sentimentos particular, aos moldes mencionados por Williams (1979). Por isso, existe desde há muito tempo, no jogo e disputa pelos contornos e sentidos das faces do sagrado uma pluralidade de atores estabelecendo contestação e abrindo possibilidades de permear as fronteiras de regulamentação da institucionalidade propriamente dita. Tais inserções de percepção e sensibilidade acabam por direcionar uma arena mais ampla de negociação e debate dos contornos da religião, implicando no delineamento de discursos e práticas daquilo que será, a posteriori, sacramentado e referido como contendo a dimensão mais profunda do sagrado.

Na atualidade, as tecnologias de reprodução imagética propiciam a acelerada incorporação de significados no interior dos quadros de percepção das religiões e seus modos de expressar a experiência com o sagrado (LOPES, 2009). Acompanhando esse movimento de abertura à produção imagética do simbolismo devocional, observa-se que o controle ostensivo por parte do clero sobre as imagens devocionais também diminuiu. Permite, então, inovar e elevar o exponencial de transmutação da experiência religiosa através de observação da situação vivida pelo devoto e sua ação a partir de um campo de possibilidades particular. Por fim, como a opinião pública deve ser fomentada, trabalhada e forjada, cotidianamente, os canais de comunicação de massa corroboram as disputas pela apropriação de percepções e sentido (significado) em torno dos códigos e símbolos responsáveis por mobilizar os devotos, as instituições, a cidade, os representantes municipais, etc.

Neste entreato de acreditar naquilo que observam ser motivo de devoção, ou mesmo, aquilo que deve ser desaprovado e tornado obsoleto ao olhar daqueles que vem de fora e levam na bagagem as narrativas de experiências autênticas, age-se nos interstícios de (re)formulação das expressões significativas de indivíduos e instituições. Ocorre, portanto, o entrelaçamento de elementos anteriores, mobilizados na experiência e memória daqueles que creem e praticam sua fé, atualizando estes repertórios condensados na trajetória de tais práticas religiosas-devocionais para objetivos e interesses de projetos atuais.

A controvérsia envolvida sob a forma de desacordo estético, aqui construída em termos simplificados, num primeiro momento mantinha conotação com está aceitação da obra em seu motivo expressivamente artístico, a arte sacra para fins devocionais. Entretanto, surgiram interesses de cunho mais amplo, reveladores de estratégias societárias em torno da potencialidade reflexiva de um símbolo religioso que congrega a eficácia simbólica de comunicar uma devoção arraigada na vida cotidiana da população da região da serra gaúcha e, mais amplamente, do território mais ao sul do país.

Antes do desfecho deste texto, nestes entreatos da dinâmica conflitiva desta devoção mariana que se amplia e transforma na medida em que seus elementos constitutivos são ressignificados para fins práticos atualizados, seguimos um relato de despedida. Logo após a “vandalização” da imagem de Caravaggio, um número expressivo de agentes institucionais envolvidos nesta devoção creditava este crime contra o sagrado mariano à expressão de fundamentalismo religioso. Precisamente, sublinhavam a hipótese de grupos pentecostais estarem envolvidos no desfecho deste acontecimento de violência contra as novas faces de Maria. Quando visitávamos a página da web mantida pelo

Santuário de Caravaggio, uma postagem nos impactou. Um sujeito evangélico faz a postagem de um vídeo ali declarando que sua expressão de fé não foi responsável por um crime tão bárbaro contra a devoção da religião católica. Dizia ele “isso é crime, não é ato de gente religiosa, não fomos nós os evangélicos que realizamos isso”. Finalizava acreditando que os responsáveis pelo crime seriam identificados e punidos. De modo geral, o que o rapaz declara é que sua trajetória no pentecostalismo pode ser sujeita a períodos de reflexão e crítica para entender que é capaz de entender a devoção a Caravaggio como expressão de fé enraizada na cultura desta população da serra gaúcha. Declaração semelhante manifesta por alguns evangélicos que encontramos nos dias principais da romaria a Caravaggio e que se consideravam arrastados por esta festividade religiosa-devocional porque “somos arrastados para o Santuário, amigos e parentes participam da festa, a cidade para e a região toda migra para a romaria”.

Por fim, este projeto de Igreja demonstra estar se abrindo cada vez mais para atender as demandas dos agentes externos a devoção, tais como empresários do turismo e vinicultores, para gerar receita para a região e dinamizar os atrativos turísticos da serra gaúcha.

Referências

- BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BURITY, Joaílido. Religião, cultura e espaço público: onde estamos na presente conjuntura? In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira; HAHN, Fábio André (Orgs.). *Religião, Cultura e Espaço Público*. São Paulo: Olho D'Água, Campo Mourão: Fecilcam, 2016. p. 13-50
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FABIAN, Johannes. *O Tempo e o Outro: como a antropologia estabelece seu objeto*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- FERNANDES, Rubem. Cesar. *Os cavaleiros do Bom Jesus. Uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- _____. Religiões populares: uma visão parcial da literatura recente. *BIB*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 3-26, 2º Semestre, 1984.
- GIUMBELLI, Emerson. *Símbolos Religiosos em Controvérsia*. Editora Terceiro Nome, 2014.
- HEBERLE, Fernanda. Entre imagem afroreligiosa e monumento público: reflexões sobre sagrado e modernidade. In: TAVARES, Fátima; GIUMBELLI, Emerson (Org.). *Religiões e temas de pesquisa contemporâneos: diálogos antropológicos*. – Salvador: EDUFBA, ABA Publicações, 2015. p. 53-72.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- LOPES, José Rogério. *Festas e Religiosidade Popular: Estudos antropológicos sobre agenciamentos, reflexividade e fluxos identitários*. PortoAlegre: Cirkula, 2014.
- LOPES, José Rogério; SILVA, André Luiz. Cultura Erudita e cultura popular: entre dissonâncias e correspondências. In: MEIRELLES, Mauro (Org.). *Sociologia: trabalho-ciência-cultura-diversidade*. Porto Alegre: Cirkula, 2013, p. 283-298.

- LOPES, José Rogério. Velhas devoções, novas devoções: mediações e mudanças no cristianismo devocional contemporâneo. *PLURA, Revista de Estudos de Religião*, Juiz de Fora, MG, v.1, n. 1, p. 109-135, 2010.
- LOPES, José Rogério; SILVA, Adimilson Renda da. Santuário de Caravaggio e a modernização de espaços sacralizados: notas etnográficas de uma romaria na serra gaúcha. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 14, n. 17, p. 105-132, jul./dez. 2012.
- LOPES, José Rogério. Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética. *Cadernos IHU ideias*. Ano 9. n. 150, p. 1-28, 2011,
- LOPES, José Rogério. AUTOR. Os sistemas abstratos e a produção de reflexividade na religiosidade contemporânea. *Ciencias Sociales y Religión*, Porto Alegre, Ano XI, n. 11, p. 13-34, set. 2009.
- MERLEAU-PONTY. Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MONTERO, Paula. Controvérsias religiosas e esfera pública: repensando as religiões como discurso. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 167-183, 2012.
- PASA, Gualter. *Padre Theodoro Portolan: Santuário de Caravaggio*. Caxias do Sul: Editora Maneco, 2013.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPE, 1996.
- SILVA, Adimilson Renato da; LOPES, José Rogério. *A devoção a Nossa Senhora de Caravaggio na serra gaúcha: das maneiras de negociar a realidade e expressar a fé [recurso eletrônico] / Adimilson Renato da Silva, José Rogério Lopes. – 1.ed. – Porto Alegre: CirKula, 2016. 199 p. E-book.*
- SCHUTZ, Alfred. *El problema de la realidad social*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 2003.
- STEIL, Carlos. Alberto. Catolicismo e memória no Rio Grande do Sul. *Debates do NER*, Porto Alegre, Ano 5, n. 5, p. 9-30, junho, 2004.
- _____. Pluralismo, Modernidade e Tradição: Transformações do campo religioso. 2001. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, Ano 3, n. 3, p. 115-129, 2001.
- YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- WILLIAMS, Raimond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ZORZI, Dom Benedito. *Nossa Senhora de Caravaggio no Brasil*. Caxias do Sul: Paulinas, 1986.

Adimilson Renato da Silva é Doutorando Ciências Sociais Unisinos/Pesquisador do Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil-LapCAB/UNISINOS. E-mail: arenatos2@gmail.com.

Maria Cláudia Rodrigues é Dra. Ciências Sociais; Professora ULBRA-RS; Pesquisadora do Laboratório de Políticas Culturais e Ambientais no Brasil-LapCAB/UNISINOS. E-mail: egregora2014@gmail.com.